

Claudia Lisboa

# OS ASTROS SEMPRE NOS ACOMPANHAM

*um manual de astrologia contemporânea*

1ª edição

  
BestSeller

*Para minhas filhas  
Luna e Mel*

## Agradecimentos

*Aos meus alunos que sonharam antes de mim; a Kim Bins, por sua generosa disposição de me acompanhar; a Jayme Carvalho, em memória, que colaborou com as transcrições das aulas e me inspirou; a Raíssa de Castro, editora, fonte de estímulo em todo este projeto; a Tatiana Podlubny, pela sensibilidade do projeto gráfico; a Nelson Felix e Maria Nepomuceno, amigos que acolheram meus sonhos; a Marta Porto e Ana Madureira, que pacientemente leram os originais; à minha mãe, Jane Hartley, que apoiou desde o começo minha escolha profissional; aos meus avós que já partiram, John e Madeleine Hartley, por terem abrigado as minhas ideias; e a Eduardo Rozenhal que, além de companheiro, influenciou enormemente meu modo de pensar e ensinar astrologia.*

## Sumário

<b>Prefácio</b>	13
<b>Introdução</b>	21
PARTE I — ORIGENS	
<b>1. Um breve passeio pela história da astrologia</b>	27
Mesopotâmia	28
Egito	30
A dominação persa	31
A era Alexandrina	32
A Índia, o Extremo Oriente, a América Central e os hebreus	32
Grécia e Roma	33
Astrologia árabe	36
Ocidente medieval	37
Renascença	37
Séculos XVII, XVIII, XIX e XX	39
PARTE II — OS RUDIMENTOS DA ASTROLOGIA	
<b>2. Classificação dos signos do Zodíaco</b>	45
Apresentação	46
Polaridades	49
Os elementos e as triplicidades	50
Balanceamento de elementos e triplicidades	51
Conceitos-chave dos elementos	53
Conceitos-chave das triplicidades	54
O elemento Fogo	55
O excesso e a falta de Fogo	56
O elemento Terra	57
O excesso e a falta de Terra	58
O elemento Ar	59
O excesso e a falta de Ar	60
O elemento Água	61

O excesso e a falta de Água	62
Os signos cardinais	63
O excesso e a falta de cardinal	64
Os signos fixos	64
O excesso e a falta de fixo	65
Os signos mutáveis	65
O excesso e a falta de mutável	66
<b>3. Os signos do Zodíaco</b>	<b>69</b>
Conceitos-chave dos signos	70
Sobre a mitologia dos signos	76
O mito de Áries — O carneiro do tosão de ouro	77
O signo de Áries	79
O mito de Touro — O rapto de Europa	81
O signo de Touro	82
O mito de Gêmeos — Castor e Pólux	84
O signo de Gêmeos	85
O mito de Câncer — A hidra de Lerna	88
O signo de Câncer	88
O mito de Leão — O leão de Nemeia	91
O signo de Leão	92
O mito de Virgem — O exílio de Astreia	94
O signo de Virgem	94
O mito de Libra — A balança de Astreia	97
O signo de Libra	97
O mito de Escorpião — A morte de Órion	100
O signo de Escorpião	100
O mito de Sagitário — O centauro Quíron	103
O signo de Sagitário	104
O mito de Capricórnio — A cabra Amaltea	106
O signo de Capricórnio	107
O mito de Aquário — O rapto de Ganimedes	110
O signo de Aquário	110
O mito de Peixes — O casamento de Anfitrite	113
O signo de Peixes	113

<b>4. Os planetas</b>	117
Apresentação	118
Conceitos-chave sobre os planetas	118
O Sol e a Lua — Personagens centrais	121
O mito da Lua — A luz noturna	124
A Lua — Personagem central feminina	125
O mito do Sol — A luz diurna	127
O Sol — Personagem central masculina	127
O mito de Mercúrio — O mensageiro	129
Mercúrio — O andrógino	130
Vênus e Marte — Os amantes	132
O mito de Vênus — A deusa do amor	134
Vênus — A amante	135
Vênus Lúclfer e Vênus Hésperus — As duas amantes	136
Vênus Lúclfer — A amante movida pela paixão	137
Vênus Hésperus — A amante movida pela razão	138
O mito de Marte — O deus da guerra	138
Marte — O amante	139
Marte conquistador — O amante apaixonado	141
Marte estrategista — O amante racional	141
O mito de Júpiter — Pai dos homens e dos deuses	141
Júpiter — O benfeitor	143
O mito de Saturno — O deus do tempo	144
Saturno — O antagonista	145
O mito de Urano — O céu	146
Urano — O agitador	147
O mito de Netuno — O deus do mar	149
Netuno — O Sonhador	149
O mito de Plutão — O deus da morte	151
Plutão — O redentor	151
<b>5. As casas astrológicas</b>	155
Apresentação	156
Sistemas de divisão das casas	157
Diferença fundamental	158

Conceitos-chave das casas	158
Sobre as casas angulares	161
Casa 1 — O Ascendente	162
Casa 2	165
Casa 3	168
Casa 4 — O Fundo do céu	171
Casa 5	173
Casa 6	175
Casa 7 — O Descendente	178
Casa 8	182
Casa 9	185
Casa 10 — O Meio do céu	187
Casa 11	189
Casa 12	191
<b>6. Aspectos</b>	<b>195</b>
Apresentação	196
Orbe	197
Conceitos-chave dos aspectos	197
Conjunção	199
Sextil	199
Quadratura	200
Trígono	201
Oposição	202
Grande quadratura	203
Grande trígono	204
<b>PARTE III — INTERPRETAÇÃO</b>	
<b>7. Planetas nos signos</b>	<b>209</b>
O Sol nos signos	210
Lua nos signos	222
Mercúrio nos signos	237
Vênus nos signos	249
Marte nos signos	265

Júpiter nos signos	281
Saturno nos signos	292
Urano nos signos	302
Netuno nos signos	305
Plutão nos signos	308
<b>8. Ascendente e Meio do céu nos signos</b>	<b>313</b>
Ascendente nos signos	314
Meio do céu nos signos	322
<b>9. Planetas nas casas</b>	<b>331</b>
Sol nas casas	332
Lua nas casas	344
Mercúrio nas casas	357
Vênus nas casas	371
Marte nas casas	383
Júpiter nas casas	397
Saturno nas casas	411
Urano nas casas	428
Netuno nas casas	444
Plutão nas casas	458
<b>10. Planetas em aspectos</b>	<b>475</b>
Aspectos com o Sol	476
Aspectos com a Lua	494
Aspectos com Mercúrio	512
Aspectos com Vênus	526
Aspectos com Marte	538
Aspectos com Júpiter	550
Aspectos com Saturno	559
Aspectos com Urano	566
Aspectos com Netuno	570
Aspectos com Plutão	573

<b>11. Lilith</b>	577
Lilith nos signos	584
Lilith nas casas	600
Aspectos com Lilith	618
<b>APÊNDICE - NOÇÕES BÁSICAS DE MECÂNICA CELESTE</b>	631
A esfera celeste	632
Os movimentos da Terra	632
Movimento de rotação da Terra	632
Coordenadas terrestres	632
Fusos horários	634
Movimento de revolução da Terra e eclíptica	635
Inclinação do eixo terrestre e as estações do ano	635
Coordenadas celestes	639
Movimento de precessão dos equinócios	641
Zodíaco e signos zodiacais	643
As leis de Kepler	644
Movimento retrógrado dos planetas	645
As fases da Lua	646
<b>BIBLIOGRAFIA</b>	648

## Prefácio

Claudia Lisboa nos aponta o cosmos através de seu território astrológico cultural; convida-nos a contemplar a imensidão do firmamento, deixando que as conexões se façam entre a beleza do macrocosmo e as riquezas configuradas no microcosmo. Uma viagem no tempo histórico; da idade mais remota à atualidade; visão das imagens arquetípicas expressas na natureza celeste se manifestando na vida terrestre. Vislumbro em seu território de saberes, o qual denominou *Os astros sempre nos acompanham — Um manual de astrologia contemporânea*, desenhado laboriosamente em cada página, uma profissional atenta aos cânones básicos da estrutura da astrologia.

Sua obra é a expressão viva de anos de incansável dedicação aos estudos, de observação contínua e atenta ao conhecimento empírico adquirido no exercício de cálculos matemáticos de precisão e análises na execução de mapas astrológicos individuais, e de sua longa convivência teórica e prática ministrando, há anos, aulas com critério didático, bem pessoal; abrindo portas ao desvelar horizontes escritos no céu estrelado e que se revelam efetivamente na vida cotidiana — Céu e Terra interagindo.

Consciente dos conceitos do sábio suíço C.G. Jung, das leis das correspondências entre o que se sucede em nós e o que nos sucede fora de nós, o que se manifesta em nós é desenhado no céu por semelhança. Claudia aborda as várias vertentes que compõem a astrologia, ponto de partida do princípio da sincronicidade, o que está fora de nós mesmos e se revela em nós.

Encontrou seu próprio trajeto de trabalho, seguindo pegadas próprias, sendo fiel a si mesma. Como quem realiza o processo de individualização, de que nos fala C.G. Jung, Claudia sempre se mostrou ser ela mesma, em sua individualidade, sua particularidade. Iniciou sua caminhada no percurso dos astros — da astrologia, a mãe de todas as ciências — com a grande mestra Emma Costet de Mascheville<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Emma Costet de Mascheville (1903-1981) nasceu em Haimhausen, na Alemanha, e se estabeleceu no Brasil em 1925. Astróloga e professora de astrologia, estudou e testou seus conhecimentos ao longo de 56 anos.

Emma de Mascheville foi a mais douta da história da astrologia no Brasil. Não me refiro somente ao seu conhecimento epistemológico e à vasta experiência acumulada em anos de atendimento particular e/ou como mestra, mas em especial por sua singular visão de mundo, sua largueza filosófica transmitida generosamente. Mulher que olhava o futuro da humanidade com esperança na compreensão das bipolaridades próprias da vida, certa de que assim é possível reencontrar a harmonia, a unidade primordial. Sempre reflexiva a indagar: “O que nós somos?” Tive poucos encontros com essa preciosa mulher e percebi que não estava diante apenas da astróloga Dona Emma, mas de um ser humano que pensava, questionava as causas e os princípios essenciais da vida; da natureza em sua magnitude. Claudia Hartley Lisboa teve a felicidade de fazer toda a sua formação básica com essa grande senhora, que lhe transmitiu o método de estudos e a sede das profundas indagações para a compreensão da vida individual, coletiva e cósmica; a astrologia em seu significado mais elevado. Profética, Dona Emy, carinhosamente assim chamada, apontava céus e horizontes: “As grandes dificuldades para o final de século irão contribuir para o amadurecimento e a evolução humana.” Astrologia, portanto, a serviço da evolução pessoal e coletiva.

*Os astros sempre nos acompanham* nos abre suas janelas com o olhar para as origens remotas da astrologia; caminha-se pela Pérsia com suas bases e crenças primitivas. A Mesopotâmia em suas raízes milenares, entre os rios Tigre e Eufrates, quando o conhecimento do firmamento estrelado se afirma por observações precisas dos sábios imperadores, que eram sacerdotes, astrólogos-astrônomos; os primeiros matemáticos registrando em argila, cuidadosamente, as configurações observadas dos movimentos diários dos astros, fazendo suas conexões precisas com o que se passava na vida cotidiana, isto é, nos acontecimentos aqui na Terra. Mostra-nos que contemplar o percurso do Sol, da Lua e dos astros cintilando na imensidão do céu era vislumbamento e profunda reverência religiosa. Sumérios, assírios, babilônios e caldeus eram, sem dúvida, observadores muito metuculosos e perspicazes. Essa riqueza do saber celeste era simultaneamente dividida com outra civilização não menos importante, a egípcia, que, por outros meios, também registrou o que se passava no céu, fazendo suas ligações com o que ocorria na

Terra. Os egípcios, ao contemplar a abóboda celeste em seus observatórios mais ou menos no mesmo período que os persas, decifram os mistérios do Zodíaco em sua magnitude física e simbólica, e com outras contribuições importantes. Esses povos se enriqueceram mutuamente num período de maior comunicação cultural.

Para os antigos, o destino e tudo na natureza que os cercava estavam “escritos nas estrelas”, mas isso não significava um determinismo imponderável. Indubitavelmente, esses dois povos foram o berço das observações celestes. Civilizações seguintes aprimoraram culturalmente o saber astronômico e astrológico, que se espalhou por todas as nações até os dias de hoje.

Depois de percorrermos a Índia, o Extremo Oriente, a América Central e o povo hebreu, chegamos à Grécia, com seus avanços fundamentais e imensa contribuição às bases da astrologia, numa convergência de sábios pensadores-filósofos, e a Roma, que democratiza esse saber. Claudia nos leva a conhecer um pouco das influências árabes, das culturas que se desenvolveram na Idade Média até o Renascimento, seguindo para os séculos XVII, XVIII, XIX e XX. Já caminhando no terceiro milênio como uma astronauta com o olhar celeste e os pés firmes no chão, ela nos oferece a cada página de seu livro a complexidade das configurações dos astros e sua aplicação prática.

Astronomia e astrologia andavam de mãos dadas até o século XVII. Com o avanço das ciências exatas, houve um distanciamento, mas o saber astrológico seguiu seu rumo com passos silenciosos e constantes, como se pode acompanhar.

Encontramos prazer ao ler sobre os rudimentos fundamentais da astrologia, a exposição dos 12 signos do Zodíaco e suas polaridades, com ampla visão da essência de cada um dos signos com suas singularidades. Um exemplo interessante é quando descreve o signo de Peixes e seu signo complementar: “Quando crê em algo, persegue seu sonho, mesmo que todos desacreditem dele. Solitário, segue seu caminho pelos oceanos do seu desejo cruzando as fronteiras ditadas pela realidade objetiva. Diametralmente oposto a Peixes está Virgem, símbolo da análise e da crítica. É importante que Peixes se inspire nessas qualidades, pois, na sua falta, tenderá a refugiar-se na fantasia, dissociando-a da realidade. Com disciplina e organização, torna-se mais objetivo e, assim, pode

acolher as pequenas coisas que a vida exige.” Observa-se aqui uma postura de aconselhamento, e não uma determinação factual.

A aceitação e a compreensão de energias opostas têm a ver com a aceitação de nossos conflitos, da possibilidade de integração das próprias contradições e complementação de nossa natureza como um todo. A autora nos mostra que a interpretação na leitura de um astro ou aspecto no mapa natal é justamente no sentido de dar uma indicação possível para a harmonia e o crescimento da pessoa humana diante dos desafios a serem confrontados.

No percurso, ainda podemos nos deleitar com algumas imagens, como a composta ao descrever o irreverente décimo primeiro signo: “Aquário deixa marcas de sua passagem como um vendaval desarrumando o quintal.”

Em seu itinerário, Claudia aborda com rigor os conceitos-chave dos elementos básicos da natureza e suas triplicidades. As potências do Fogo, da Terra, do Ar e da Água e o que pode acontecer de se ter a mais ou a menos, em excesso ou em falta. Trata-se, mais uma vez, de um olhar atento aos pormenores descritos na imensidão e da complexa bagagem que a velha senhora astrologia nos oferece.

Ao tratar com amplitude a natureza dos 12 signos do Zodíaco, Claudia enriquece a descrição ao recorrer à mitologia, nos apresentando cada um dos mitos em seus estágios primordiais, de Áries a Peixes. O mesmo acontece ao escrever pontualmente sobre a natureza dos astros; os dois luminares, Sol e Lua (como personagens centrais), e os planetas. Ao acompanhar atentamente a sequência da leitura, página por página, apreendemos as riquezas e configurações míticas que definem cada um desses signos e astros em seu significado simbólico e arquetípico; além da interação das energias masculinas em complementação às femininas expressas nessas fontes vitais. E, assim, percorremos seu livro com sedenta curiosidade.

As casas astrológicas com seu sistema de divisões são descritas em seus conceitos-chave, pontuando cada casa em sua singularidade, particularidade e as conexões com os astros nelas presentes. Numa passagem referente aos cuidados e acolhimento sobre a presença da Lua em determinada casa, descreve: “Já que estamos falando de cuidar e acolher, não podemos deixar de reconhecer o quanto é adequada a

relação tradicional da Lua com a casa, espaço físico que nos protege das intempéries, lugar de recolhimento ao qual retornamos para repousar e restaurar as forças empregadas nas tarefas diurnas e, finalmente, o ‘útero’ que acolhe e nutre relações de afetividade.”

Este pequeno manual que é oferecido ao público, a estudiosos e sedentos de conhecimentos da astrologia, é marcado por uma postura objetiva e palpável pela experiência didática pontuada como instrumento para o alargamento da consciência. A astrologia é um dos processos mais ricos e sutis de autoconhecimento, de tomada de consciência de si mesmo. Escrever um livro não é apenas uma afirmação cultural ou mesmo prazer do ego, mas é, acima de tudo, dar o recado, deixar um legado; é oferecer um presente pessoal e íntimo para o público em geral e, neste caso, também para a história da astrologia. Trata-se de escritos para uma compreensão maior da natureza humana e da vida em sua totalidade.

Claudia tem a simplicidade de nos dizer que aprendeu muito na vivência cotidiana. Soube aprender com os clientes, com os alunos, na escuta atenta e trocas de ideias, percepções. Firme em seu conceito das polaridades zodiacais ao lembrar a mestra Dona Emma, que dizia: “O Escorpião tem duas almas: a da destruição e da regeneração”, Claudia, por sua vez, afirma acreditar que a maioria de nós experimente ao longo da vida um pouco de cada uma. Entendemos como momentos ou circunstâncias de destruição assim como de regeneração e transformação servem para se alcançar níveis mais elevados de consciência.

É possível amadurecer ao enfrentar os impasses da vida, refletir, observar e superar conflitos com o tempo. Claudia mostra, nas entrelinhas, que viver é um processo contínuo de enfrentamento de nossos contrários, de nossas polaridades escuras e luminosas, ativas e receptivas, e nos transmite um dos ensinamentos de Emma de Mascheville: “Acredito que o mais difícil na área em que o Escorpião está envolvido é lidar com o conteúdo psíquico das regiões sombrias do ser. Por outro lado, lá encontramos as forças criativas, sendo, portanto, necessário enfrentar tal conteúdo se quisermos dar vazão a elas. Quando se trata desse signo, nada passa indiferente, tudo vem acompanhado da violência associada a tais potências, da intensidade que faz da vida um palco de emoções tremendamente assustadoras, mas fatalmente atraentes.

Por isso, é evidente que nessas áreas da vida é preciso um trabalho psíquico que ajude a viabilizar efetivamente o uso positivo das poderosas forças por nós criadas.”

Referindo-se ao exercício da escuta, nos relata: “Aprendi com os capricornianos que trabalho para eles é o alicerce de suas vidas. Todos, salvo algumas exceções, sentem enorme desejo de vencer na vida por conta própria. Não se acovardam frente às dificuldades que a realidade lhes apresenta. Muito pelo contrário, em momentos mais tranquilos, o capricorniano se impõe novas adversidades, como se não soubesse viver sem um obstáculo a ser ultrapassado.”

A era iluminista reduziu a astrologia à racionalidade do determinismo e, por consequência, tornou-se fechada em suas teorias fatalistas, perdendo sua riqueza simbólica no campo das probabilidades. É preciso lembrar que na passagem do século XVI para o XVII, a astrologia passava por três vertentes para os tipos de previsões. Isso quem nos legou foi Kepler, ao declarar que havia a análise física (corpo), a metafísica (psíquica) e a dos signos (astronomia). Kepler, a princípio, chegou a entendê-la como predestinação. Depois, mais observador, passou a ter reservas em relação às pretensões e desígnios da astrologia tradicional. Acentuava que a função do astrólogo era interpretar os sinais do céu visíveis em relação à Terra, tendo uma postura de aconselhamento, um tanto psicológica/metafísica, diante das possibilidades, por não ousar ser determinista ao afirmar: “Não sei com suficiente certeza se poderia ousar predizer confiantemente qualquer coisa específica”, isto é, ser factual. Kepler (1571-1630) fazia horóscopos e os interpretava como um profissional dedicado e respeitado. Apreendeu a totalidade da criação, sem divisões entre as energias celestes e terrestres. Foi um matemático na precisão das coordenadas celestes e intuitivo, místico altamente espiritualizado. As conexões astrais se manifestavam, isto é, se revelavam de maneira física e emocional na vida de seus clientes. Kepler sabia disso, das ocorrências das probabilidades em relação aos seus clientes. O Iluminismo que se estabeleceu no século XVII fechou a astrologia na racionalidade determinista, cartesiana.

A astrologia, apresentada por Claudia, abre portas para a leitura quântica das probabilidades, avança para sua compreensão larga e fe-

cunda, em harmonia com os valores da vida. Não importa se o Sol é o centro do sistema, é do ponto de vista da Terra que vislumbramos os movimentos celestes. É a partir da Terra que fazemos nossas referências. É da Terra que procuramos compreender nossa dimensão e responsabilidade existencial. Aqui vivemos, e a astrologia é preciosa como uma bússola para nos orientar nessa caminhada árdua e maravilhosa que é viver a vida em todas as suas dimensões. Somos herdeiros das estrelas há bilhões de anos. No interior do átomo não há códigos ou leis de causa e efeito — o que existe é a imprevisibilidade. Ela se revela através dos ritmos da natureza, e percebemos que cada um de nós participa desses ritmos intimamente e que estamos conectados com todo o Universo em sua fonte primordial.

A astrologia é ciência enquanto passível de experimentação, ao estabelecer cálculos aritméticos da matemática, de precisão, e é arte enquanto interpretação de uma linguagem simbólica. A astrologia pertence ao mundo das alegorias, das metáforas. Cada um de nós é dono de seu próprio destino. O processo de individuação, ser verdadeiramente quem somos, depende de nossos desafios pessoais. O profissional astrólogo, como um Sócrates contemporâneo, dirá “Conheça-te a si mesmo”, e, ao fazer as conexões celestes, apenas ajudará ao seu consulente a conhecer-se e, com sensibilidade, mostrará o horizonte a ser vivido, sem interferências no livre-arbítrio. A matéria densa e a sutil não são inseparáveis. Nenhuma teoria científica pode ser completa às investigações do ilimitado, e o mesmo se dá com o saber astrológico. Nenhuma teoria é completa sem integrar o ser observador e o objeto observado.

A história das ciências está repleta de críticos maledicentes, que não estudaram nem absorveram a linguagem simbólica dos céus. Essas pessoas não nos interessam, nem merecem falas.

Na história da humanidade, são muitos os sábios pensadores, filósofos, artistas, poetas e músicos que apreenderam os sinais dos céus e se beneficiaram ricamente em suas vidas pessoais. Não citarei nada de Dante, Goethe, Hildegard Von Bingen, nem Henry Miller ou Walter Benjamin, mas de um monge beneditino contemporâneo, Gerard Voss, em sua obra *Astrologia cristã (Astrologie christlich)*, de 1980, ao afirmar que “o horóscopo é uma carta de amor de Deus, e, mais ainda,

o horóscopo, meio de conscientização, não representa apenas um grilhão que prende a pessoa à sua condição humana, mas constitui um processo de autoconhecimento mediante o qual a pessoa descobre o seu eu e o perscruta até que se torne um vaso, embora turvo, mas que, mesmo assim, contém algo divino, luminoso”.

Outro sábio que viveu sua paixão pela imensidão do infinito celeste e curti profunda simpatia pela linguagem simbólica dos astros foi Albert Einstein, que afirmava: “Os domínios do mistério prometem as mais belas experiências.” E ainda: “Uma proposição é correta quando, dentro de um sistema lógico, é deduzida de acordo com as regras aceitas da lógica. Um sistema tem conteúdo de verdade de acordo com a certeza e a inteireza da possibilidade de coordenação com a totalidade da experiência. Uma proposição correta tem a sua ‘verdade’ adquirida por empréstimos ao conteúdo de verdade do sistema a que pertence.”

A astrologia não é um saber para se acreditar ou negar credibilidade, e sim um saber tão antigo quanto a história da humanidade, a ser constatado. Quando dois ou mais planetas interagem geometricamente no céu configurado entre si, podemos constatar simbolicamente, por correspondência, acontecimentos na vida terrestre, por sincronicidade. É a lei das correspondências. É nessa vertente que o cosmos nos habita — já que *os astros sempre nos acompanham* — que a astróloga Claudia Lisboa nos presenteia neste ano de 2013, quando o mundo em sua totalidade, em plena efervescência, quer horizontes objetivos para a compreensão dos valores essenciais da vida humana.

Martha Pires Ferreira  
*verão, 2013*

## Introdução

Olhar para o céu estrelado e contemplar a imensidão do firmamento, ora acolhedora, ora atemorizante, é dilatar a percepção e, juntamente, o significado da existência. Com a alma povoada de imaginação, os humanos conferem aos astros simbolismos, impregnando-os de uma misteriosa potência. Força e simbolismo nos são devolvidos pelos próprios astros sob a forma de conhecimentos verdadeiramente sagrados, confidenciados ao pé do ouvido dos astrólogos.

O desígnio da astrologia é, portanto, fazer a ponte entre os humanos e o cosmos. De posse do saber astrológico, os homens peregrinam em direção ao firmamento, em busca da sua dimensão mágica. No sentido inverso, os astros se reclinam sobre a superfície da Terra e tocam a sua própria humanidade.

Fazer astrologia é conversar com pontos luminosos do céu, fazer-lhes perguntas e esperar as respostas. Às vezes, elas nos chegam quase em tempo real, outras demoram uma eternidade. Há milênios os humanos aprenderam a língua do firmamento, mas ainda há muito o que decifrar. Por isso, talvez, algumas respostas cheguem mais tardiamente. Felizmente, a astrologia não se tornou uma língua morta, como ocorreu a tantas outras. Contudo, à semelhança de qualquer linguagem, precisa ser sempre atualizada. Algumas palavras e expressões caem em desuso, enquanto novas são criadas. Com a língua dos astros não é diferente. O modo como os antigos se comunicavam com os corpos celestes não é, evidentemente, o mesmo praticado hoje. A língua atualizada sob o olhar contemporâneo veste a interpretação astrológica de uma roupagem adequada aos ouvidos do sujeito do nosso tempo. As interpretações que nos soam estranhas nos tratados clássicos de astrologia, quando relidas sob esse novo olhar, têm o brilho da sabedoria milenar renovado.

Há um momento indefinido no tempo em que a curiosidade humana e os mestres do firmamento se encontraram, e alguns desses curiosos se transformaram nos primeiros astrólogos de que se tem notícia, os primeiros decifradores da língua falada no céu estrelado. A partir desse encontro, os humanos registraram meticulosamente as posições ocupadas pelos astros, estudaram com cuidado as relações entre estas e os acontecimentos na Terra e desenvolveram cálculos suficien-

temente precisos para prever as futuras posições e, por conseguinte, fazer projeções sobre os eventos terrestres e humanos. Esse diálogo tão íntimo e silencioso da Antiguidade tornou-se um burburinho efervescente com o passar dos séculos e até mesmo dos milênios. Em tempos passados, esse diálogo caiu em descrédito e teve, portanto, seus momentos de reclusão, período suficiente para transmutar-se e ressurgir vigoroso nos dias atuais, ocupando um lugar digno de uma linguagem de tal envergadura.

Fazer astrologia hoje é, do mesmo modo como os povos do passado faziam, ouvir as mensagens vindas do firmamento e traduzi-las de acordo com um saber edificado por diversas culturas e atravessado por suas tendências. A diferença entre a maneira como os antigos liam tais mensagens e como nós o fazemos na atualidade reside no fato de, não pretendendo ser a astrologia contemporânea determinista tal como era no passado, elementos como a genética, a educação, o ambiente onde o indivíduo cresceu, seus valores morais e, especialmente, suas escolhas influenciarem o modo como as tendências produzidas por tais relações são forjadas na sua experiência e em suas realizações pessoais. Observado isso, uma boa interpretação considera as combinações entre as diferentes posições dos astros numa carta natal, entendendo, portanto, o conteúdo de informações contidas na matriz astrológica não como um somatório de interpretações isoladas, mas como um diálogo dinâmico e orgânico entre elas. Cabe, portanto, a cada astrólogo, conduzido pela sensibilidade e pela atmosfera do encontro com o seu consulente, produzir uma interpretação criativa e que seja capaz de soprar nos ouvidos da alma de quem busca esse saber a tradução das mensagens que os astros produziram no dia do seu nascimento e endereçaram especialmente a esse indivíduo.

Foi-me dado o privilégio de conversar com o firmamento. Sinto-me autorizada pelo meu próprio horóscopo para isso. Ademais, recebi as bênçãos de Emma Costet de Mascheville para iniciar-me nessa linguagem sagrada. Acompanhei-a por anos à fio, assistindo às suas aulas, testemunhando suas palestras e calculando horóscopos na sua casa, no bairro da Independência, em Porto Alegre. Dela, ouvi declarações como: “Não falem mal de Saturno; não é o Saturno do céu e sim o teu Saturno interior que te atormenta; se algum Escorpião te fere, sê

consciente de que ele tem a finalidade de despertar alguma qualidade que mantinhas oculta e deixaste de manifestar. Mesmo a ferida é um bem para o teu despertar a que deves ser grato, assim como o és ao cirurgião que desperta nova vida em ti.”

Estávamos na década de 1970 e uma nova visão da astrologia surgiu, não só no Brasil, mas no mundo inteiro. A chance de estudar com alguém que transmitia esse conhecimento milenar de maneira diferente dos manuais clássicos de astrologia foi acolhida por mim como uma dádiva. Tratava-se de uma astrologia mais humana, uma astrologia que, no lugar do determinismo, levava em conta a responsabilidade do indivíduo sobre as suas escolhas.

Ávida por absorver a sabedoria de Emma, sentava-me, junto a outros tantos jovens, ao redor de uma mesa improvisada na garagem da sua casa. Nos fins de semana, caminhava ao seu lado às margens do rio Guaíba, quando então me era confiado o exemplo da potência que era fazer da astrologia um instrumento de construção de um modo singular de ser no mundo. Emma era única.

Fiel às origens e, portanto, com a posse legítima desse saber universal e simbólico, Emma estava absolutamente aberta a adaptar a astrologia aos novos tempos. Ela nos falava sobre campos magnéticos. Ela nos falava sobre campos bioenergéticos. Ela nos falava sobre o *spectrum* da luz. Ela nos falava sobre a vida.

Naquele tempo de muitas cores, de paz e amor, abria-se o caminho que eu iria percorrer levando a semente que então fora plantada em mim.

Passaram-se mais de trinta anos e, de lá para cá, as estrelas me confiaram segredos para serem traduzidos por quem nelas confiou. Tenho sido, portanto, astróloga.

Trouxe ao mundo duas filhas. Plantei algumas árvores. Mas faltava o livro. As filhas vieram cedo, as árvores foram plantadas ao longo da vida e o livro ficou à espera de uma mensagem vinda do firmamento. Ela, afinal, tocou o pé do meu ouvido e a mandala do meu mapa na tela do computador. Era chegada a hora de escrever. Eis, pois, alguns dos segredos a mim confiados.



PARTE I

# Origens



## CAPÍTULO 1

# **Um breve passeio pela história da astrologia**

Sem sombra de dúvida, a astrologia é um saber milenar. Todavia, é muito difícil, se não impossível, datar com exatidão a sua origem. Não obstante, é curioso pensar que quase todos os animais mantêm os olhos presos ao chão, mas os humanos, diferentemente, dirigem o olhar para o lado oposto, contemplando o céu e o movimento dos astros. Desse modo, pode-se dizer que a astrologia teve início quando o homem olhou para o firmamento e estabeleceu as primeiras correlações entre os fenômenos celestes e os acontecimentos na Terra.

Um dado importante a ser mencionado é a estreita relação, até mesmo indistinção, durante milênios, entre a astrologia e a astronomia, já que ambas baseavam-se em conhecer o movimento dos astros com precisão. Martha Pires Ferreira cita no seu livro *Metáfora dos astros*, que “(...) existem registros que seu conhecimento se situa em época bem remota, mais de 26000 a.C.”, e que “nesta fase proto-histórica, pastores e agricultores já haviam constatado a importância da ordem celeste”.<sup>2</sup> Em seu livro *Calendário*, David Ewing Duncan relata que foram encontrados na região do vale do Dordogne, na França, pedaços de ossos de águia datados de *circa* 11000 a.C. e entalhados com marcações que, para alguns pesquisadores, eram registros das fases da lua e seriam, provavelmente, os primeiros calendários. Esses teriam sido produto das minuciosas observações dos humanos dos ciclos planetários, fundamento da astronomia e da astrologia.<sup>3</sup>

Nesses tempos remotos, o saber astrológico era produzido pela observação empírica e transmitido boca a boca. Verdade seja dita, todos os povos plasmaram os céus. No entanto, a Mesopotâmia, região entre os rios Tigre e Eufrates, foi o solo fértil no qual a astrologia se desenvolveu, mantendo-se viva até os dias de hoje.

## Mesopotâmia

Os povos que habitaram a Mesopotâmia na Antiguidade deixaram provas contundentes de que nessa terra, chamada de crescente fértil, a astrologia teve suas raízes. Segundo Serge Hutin, “não só documentos

---

2 FERREIRA, Martha Pires. *Metáfora dos astros*. Rio de Janeiro: Vida, 2004. p. 26.

3 DUNCAN, David Ewing. *Calendário*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999. p. 31-34.

seguros atestam a existência muito desenvolvida da astrologia entre os caldeus, dois ou três milênios antes da Era Cristã, mas as descobertas mais recentes recuavam a sua prática a uma época nitidamente mais anterior ainda, a dos sumérios, que a teriam trazido da Ásia Central por volta do quinto milênio antes de Cristo.<sup>4</sup> Foram achadas na Mesopotâmia muitas tabelas planetárias gravadas em tijolos, assim como documentos escritos por sumérios, babilônios, caldeus e assírios. Esses povos formaram a matriz sobre a qual foi edificada a astrologia, posteriormente desenvolvida e compilada pelos gregos.

O que diferenciou os mesopotâmicos dos outros povos do Ocidente foi o fato de aqueles anotarem de forma sistemática os fenômenos celestes e terem feito correlações entre o movimento dos astros e os eventos terrestres. Tal prática se desenvolveu e foi aprimorada especialmente devido à forte instabilidade política da região. Com a presente perspectiva de perda de poder, os reis recorriam aos adivinhos observadores do céu para lhes informarem as previsões do que estava para acontecer. Na visão de Jim Tester,<sup>5</sup> a causa principal para o desenvolvimento dos cálculos astronômicos nessa região foi a organização do tempo segundo calendários voltados para propósitos agrícolas e, especialmente, religiosos. Não obstante, essas finalidades não se afastavam daquelas de cunho político, porquanto, nesses povos, a arte divinatória da astrologia era praticada por sacerdotes que enviavam os relatórios ao rei. Por muito tempo a astrologia foi privilégio dos soberanos, mais tarde também da aristocracia, e somente em cerca de 250 a.C., na Era Alexandrina, foi utilizada amplamente para todos os indivíduos.

Nas ruínas de Nínive, na biblioteca do rei assírio Assurbanipal (668-630 a.C.), arqueólogos encontraram tábuas de argila que reproduziam a cópia de uma coleção astrológica de data bem mais antiga, dos tempos do rei Sargon, o Antigo. Nessas tábuas revela-se uma astrologia totalmente voltada para os acontecimentos coletivos, afirmando o que foi dito anteriormente. Eis aqui uma passagem descrita numa dessas tábuas encontradas na biblioteca de Assurbanipal:

---

4 HUTIN, Serge. *História da astrologia*. Lisboa: Edições 70, 1989. p. 55.

5 TESTER, Jim. *Historia de la astrologia Occidental*. México: Siglo Veintiuno Editores, 1990. p. 23-24.

*O mês Addaru terá trinta dias. Na noite de 13 para 14, observei o céu com atenção, levantei-me sete vezes, mas não houve eclipse. Enviarei um relatório ao rei.*

Grandes templos foram erigidos na Mesopotâmia antiga para a observação e adoração dos astros, denominados zigurates. Os zigurates eram formados por sete andares de diferentes cores, representando os sete planetas conhecidos até aquele momento. Do alto de um zigurate, os astrólogos observaram e anotaram com precisão os movimentos dos astros no firmamento.

No período babilônico, por volta de 727 a.C., já se faziam registros de eclipses. No entanto, marcava-se o céu de acordo com a posição das estrelas, e não de acordo com as marcas fixas de um Zodíaco de 30 graus, sistema posteriormente usado pela astrologia. Os primeiros Zódiaos provavelmente surgiram em torno de 2600 a.C.

Já na Antiguidade, além da divisão da eclíptica<sup>6</sup> em 12 signos, os astrólogos desenvolveram igualmente um sistema de divisão da esfera celeste em 12 partes, usando como referência a linha do horizonte e o meridiano do observador. Tais subdivisões são conhecidas e utilizadas até os dias atuais, com a denominação de casas astrológicas.

Por fim, foram os sumérios os inventores do sistema sexagesimal de horas e minutos, facilitando sobremaneira as operações matemáticas em relação à astronomia (diga-se de passagem, muito complicadas).

## **Egito**

Se a Babilônia foi vista como o berço da astrologia, esta prerrogativa deve ser partilhada igualmente com o Egito. Afinal, a astrologia foi desenvolvida simultaneamente nas duas regiões. As cartas celestes egípcias datam de aproximadamente 4200 a.C., e os horóscopos, de 3000 a.C.

Um dos mais importantes testemunhos astrológicos egípcios é o Zodíaco circular esculpido no teto do Templo de Denderah, hoje ex-

---

6 Caminho aparente do Sol ao longo do ano ou o plano de órbita da Terra em torno do Sol.

posto no Museu do Louvre. Tal Zodíaco continha todo o saber dos sacerdotes referente à astrologia praticada na época. De forma semelhante, era perceptível o conhecimento muito preciso da astrologia estelar por parte dos construtores das grandes pirâmides, visto que elas estavam orientadas na direção de estrelas de grande importância nas marcações do espaço celestial. Além de servirem como túmulos, as pirâmides também eram observatórios astronômicos. A propósito, no Egito é comum encontrar sarcófagos adornados com representações dos signos do Zodíaco.

Os egípcios criaram um complexo e aperfeiçoado calendário chamado Sotíaco, que dividia cada uma das 12 constelações zodiacais em três partes, designadas pela estrela mais brilhante. Desta maneira, estavam determinadas 36 divisões ou decanos, governadas individualmente por uma divindade. Além do mais, até hoje utilizamos, com poucas alterações, o calendário adotado por eles, com a divisão do ano em 12 meses e dos dias em 24 horas.

Acredita-se que os sacerdotes egípcios conheceram a precessão dos equinócios<sup>7</sup> e elaboraram um catálogo já detalhado das estrelas visíveis, sabendo distingui-las dos planetas, chamados de astros, que ignoram o repouso.

### **A dominação persa**

Em 539 a.C., o rei Ciro II da Pérsia dominou a Mesopotâmia, marcando o fim do império da Babilônia. Com a prática de registrar os fenômenos celestes e no contato com os astrólogos da Mesopotâmia, os persas introduziram a matemática nos cálculos astronômicos. Com a regularização dos calendários, ocorre, então, um grande avanço na astrologia e na astronomia. Ademais, são descobertos os períodos sinódico<sup>8</sup> e sideral,<sup>9</sup> de modo que os planetas ficam estabilizados em signos zodiacais e não mais em constelações.

---

7 Deslocamento retrógrado do ponto vernal devido ao movimento do eixo da Terra, semelhante a um pião, chamado de precessão.

8 Diz-se das revoluções dos planetas tendo como referência o Sol.

9 Diz-se das revoluções dos planetas tendo como referência as estrelas fixas.

A primeira carta astrológica conhecida da Babilônia data de provavelmente 410 a.C. Nela estão registradas informações astrológicas do nascimento de uma pessoa numa determinada data e os signos nos quais estavam posicionados a Lua e os planetas.

### **A Era Alexandrina**

A partir da conquista da Caldeia por Alexandre, o Grande, tornou-se possível um intercâmbio cultural entre o pensamento helênico e a tradição intelectual dos povos do crescente fértil. Com o avanço das tropas de Alexandre, o grego se torna a língua dominante, marcando o início de uma propagação não só da astrologia, mas de todas as ciências ocultas desenvolvidas nessa região, alcançando, inclusive, a Índia. Os tratados de astrologia escritos em diversas outras línguas só chegaram até nós porque foram traduzidos para o grego e, deste, para as línguas modernas. Um outro aspecto referente à conquista de Alexandre é o fato de o pensamento dos helênicos se voltar para o entendimento do porquê das coisas, e isto acrescenta à astrologia religiosa dos povos da Mesopotâmia e do Egito o cunho científico nascido na Grécia.

A carta astrológica mais antiga desse período é de 263 a.C., e os graus dos signos já eram mencionados. Uma das efemérides mais antigas data de 307 a.C., e elas foram fabricadas até 42 d.C. Os registros gregos dessa Era Helenista estão cheios de referências a um conhecimento ainda mais anterior da astrologia, referindo-se a ela como muito antiga.

### **A Índia, o Extremo Oriente, a América Central e os hebreus**

Apesar de ter influências babilônicas e gregas, entre outras, as bases da astrologia indiana são totalmente distintas daquelas da astrologia clássica ocidental. Ela foi também influenciada pela astrologia chinesa, principalmente no que se refere à utilização do Zodíaco lunar. Os astrólogos indianos praticavam a astrologia horária, fazendo cálculos para a hora de uma determinada pergunta com o intuito de obter a melhor resposta e calculando mapas de eventos como casamentos, festas etc.

Ainda existem dúvidas quanto às origens históricas da astrologia chinesa, se seria ou não mais antiga que a dos caldeus. No entanto, sejam quais forem suas origens primárias, a astrologia chinesa também foi muito própria e singular. Ela influenciou, além da Índia, a astrologia feita em outras regiões do Extremo Oriente, como Coreia, Japão e Ásia Central.

A astrologia na América Central pré-colombiana também foi muito particular e minuciosamente desenvolvida como a dos chineses, apresentando, aliás, similaridades como, por exemplo, o emprego do simbolismo animal e pirâmides construídas para a observação do firmamento semelhantes aos zigurates da Mesopotâmia. Mas talvez o mais importante seja a extrema complexidade dos seus calendários, com a interferência dos ciclos da Lua, do Sol e de Vênus.

Por outro lado, não se pode duvidar que os sacerdotes de Israel também tinham conhecimento sobre os ciclos solares e lunares, fundamentos das previsões astrológicas. Afinal, Moisés marcou o Êxodo para a noite de Lua cheia da primavera, sugerindo que ele conhecia o ciclo lunar.

Verdade seja dita, o desenvolvimento da astrologia é simultâneo na Índia, na China, na Grécia e em tantos outros lugares. Afinal, a história não se desenvolve linearmente.

## Grécia e Roma

Muito antes das conquistas de Alexandre, os pensadores gregos foram ao Oriente em busca de conhecimento. Platão e Aristóteles acreditavam firmemente na influência direta dos astros sobre os homens. Pitágoras, iniciado na Babilônia, introduziu a astrologia na Grécia. Sua obra *Doutrina da harmonia das esferas*, do século VI a.C., amplia o saber astrológico e astronômico até então desenvolvido.

Por volta de 300 ou 400 a.C., os caldeus se espalharam e levaram seu conhecimento consigo. Os gregos assimilaram com muita facilidade a cultura dos povos da Mesopotâmia, e começaram, então, a desenvolver a precisão dos cálculos e o rigor do sistema astrológico. Um exemplo disso foi Hiparco (160-124 a.C.), que introduziu na Grécia a circunferência de 360 graus e aperfeiçoou os cálculos relativos à precessão dos equinócios.

Para os gregos, o saber oculto vindo do Oriente era encantador. E com a astrologia não foi diferente. Por volta de 280 a.C., um padre babilônico vindo da Caldeia introduziu esse conhecimento na Grécia. Ele fundou a primeira escola de astrologia na ilha de Cós e foi homenageado com uma estátua com a língua de ouro, o que remetia ao valor das suas palavras.

Aristarco de Samos (310-230 a.C.) foi o primeiro cientista da Antiguidade a defender que a Terra movia-se em torno do Sol, antecipando-se a Copérnico em mais de 1.500 anos. Sua obra conhecida nos dias de hoje e escrita antes de se conceber a hipótese do heliocentrismo é *Sobre as dimensões e as distâncias do Sol e da Lua*, na qual registrou o cálculo do diâmetro da Lua em relação ao da Terra.

Claudio Ptolomeu (100-170 d.C.), astrônomo, astrólogo e matemático grego, escreveu por volta de 140 d.C., na época da dominação romana, o mais famoso tratado de astrologia, o *Tetrabiblos*. Ele codificou e compilou todo o conhecimento que havia sido desenvolvido pelos povos da Antiguidade. Desse modo, o *Tetrabiblos* foi o mais importante manual de astrologia usado pelos astrólogos por mais de mil anos, e ainda é consultado e respeitado pelos astrólogos atuais.

A astrologia clássica chegou até os nossos dias com as técnicas já desenvolvidas nesses tempos, incluindo, além do estudo da influência dos signos e dos quatro elementos (Fogo, Terra, Ar e Água), a teoria sobre as casas astrológicas, os cálculos dos aspectos, dos trânsitos e das direções. No entanto, enquanto na astrologia do Egito e da Mesopotâmia as previsões eram feitas por sacerdotes, na Grécia houve uma laicização dessa prática, pois os astrólogos gregos já não eram mais padres.

Graças à dominação romana, a astrologia grega adquiriu sua máxima extensão. Embora sob o domínio de Roma, a cultura da bacia do Mediterrâneo ainda era helenista e, durante esse período, os escravos gregos disseminaram sua cultura e seu conhecimento entre os latinos.

Júlio César, Crasso e Pompeu acreditaram firmemente nas predições astrológicas. A bem da verdade, houve uma vulgarização desse saber, e os estudiosos começaram a praticar a astrologia para desempenhar papéis políticos e se tornarem conselheiros privados de soberanos e seus próximos.

Na época de César, Marcus Manilius escreveu o primeiro tratado de astrologia, por volta de 6 a 14 d.C., chamado *Astronômicas*, no

qual eram descritos e estudados com enorme riqueza os signos, as casas astrológicas e as casas derivadas. Outro autor de grande quilate foi Dorotheus de Sidon (25-75 d.C.), que escreveu o *Pentateuco*, um longo poema astrológico dividido em cinco livros. Vettius Valens (120-175 d.C.) compôs a *Antologia*, primeira coleção de horóscopos de pessoas conhecidas, entre 15 e 175 d.C. Ele não teve tanto prestígio intelectual quanto Ptolomeu, mas deixou como legado um grande material de pesquisa.

Além das obras de Ptolomeu, Manilius, Dorotheus e Valens, um conjunto de textos do período helênico ficou bastante conhecido e exerceu grande influência na astrologia feita na Grécia. Escrito em primeira pessoa pelo deus mitológico egípcio Tot, ou Hermes Trimegisto (o Três Vezes Grande), e sob a forma de diálogos, o *Corpus Hermeticum* é o resultado de um complexo sincretismo religioso, que contribuiu, sem sombra de dúvida, para o enriquecimento da astrologia grega. Esses textos reuniam inúmeras obras de filosofia, alquimia, astrologia, magia e medicina.

Da Roma imperial e republicana não existem muitos registros astrológicos, até porque os intelectuais eram críticos e céticos em relação aos conhecimentos astrológicos. No entanto, Ptolomeu era dessa época. Para ele, a astrologia servia para orientar a vida das pessoas, podendo prepará-las melhor para os perigos. Além disso, foi ele quem expôs de forma organizada a teoria geocêntrica na qual se definia que a Terra era o centro do Universo, teoria abalada apenas no século XIV, com o heliocentrismo proposto por Copérnico.

Apesar do ceticismo dos filósofos e intelectuais da época, a astrologia em Roma e suas províncias teve um prestígio incontestável até o triunfo do cristianismo. Em 323 d.C., o cristianismo se tornou a religião oficial do Estado, com um poder cada vez maior, e os seus dias gloriosos passaram a ter o tempo contado quando, em 357 d.C., pela pressão do Estado e da Igreja, Constantino passou a considerar a magia e a astrologia práticas divinatórias pagãs e, portanto, crimes passíveis de pena de morte.

A Igreja se posicionou contra o determinismo planetário, pois segundo essa teoria, o homem não tinha livre-arbítrio, sem o qual a intervenção misericordiosa de Deus não teria sentido algum.

Sendo assim, a Grécia deu à astrologia uma estrutura intelectual e Roma lhe deu a dimensão política de poder e, igualmente, de perigo. Afinal, as proibições não provinham de um ceticismo intelectual, mas do medo quanto ao uso desse saber.

### **Astrologia árabe**

O desenvolvimento da astrologia árabe teve uma vasta extensão temporal e territorial. Ela progrediu entre 750 e 1550 d.C. pelo Médio e Próximo Oriente, pelo Norte da África, pela Índia Ocidental, pela Espanha, pela Sicília e pelo Sul da França. É graças a essa expansão que o conhecimento sobre alquimia e astrologia foi tão bem preservado. Afinal, eles compilaram e traduziram muitos escritos antigos do grego para o árabe e, depois, do árabe para o latim.

Os primeiros astrólogos árabes nutriram seu conhecimento com fontes anteriores à predicação de Maomé. Alguns pesquisadores consideram a astrologia árabe uma extensão da tradição astrológica grega, tendo recebido influências também da astrologia hindu. O Alcorão (650-656 d.C.) condena explicitamente, entre as formas de idolatria, a astrologia.

Um dos astrólogos de maior destaque no mundo árabe foi Rhazes, que deixou um extenso comentário do livro *Tetrabiblos* de Ptolomeu. Outro astrólogo de relevo foi Abû Alî Mohamed, conhecido como “segundo Ptolomeu” pela vastidão e extensão dos seus conhecimentos astronômicos e astrológicos.

Bagdá transformou-se num grande centro de astronomia e um importante observatório foi construído na cidade, no qual trabalhavam muitos astrólogos. Dentre eles, o famoso Albumasar, discípulo de Al-Kindî, conhecido por introduzir o discurso e os conceitos helênicos no pensamento islâmico. É de sua autoria a *Introdução à astrologia*, um tratado em que o estudo das conjunções desempenha um papel de grande destaque.

Os árabes foram excelentes construtores de instrumentos astronômicos (como o astrolábio) e se dedicaram exaustivamente ao aperfeiçoamento dos cálculos que determinavam a posição dos astros no firmamento.

## Ocidente medieval

Foi na Espanha islâmica que a astrologia se desenvolveu no Ocidente cristão. Entre 1135 e 1153, muitos tratados astrológicos árabes foram traduzidos. No entanto, a atitude da Igreja Cristã durante a Idade Média não era de afinidade com os conceitos utilizados pela astrologia. A Igreja condenava o determinismo astrológico e no Concílio de Laodiceia foi proibido o exercício da profissão de matemático.<sup>10</sup> Depois desse primeiro concílio, outros dois agravaram a situação. O Concílio de Toledo e o Concílio de Braga decretaram que a fé na astrologia deveria ser punida com a excomunhão.

No entanto, nem todos os astrólogos foram silenciados pela Igreja. A estratégia usada pelos sobreviventes aos decretos foi criar a máxima “Os astros inclinam, não determinam”, de maneira a isentar o viés determinista da astrologia, condenado pela Igreja Católica.

Nas obras de São Tomás de Aquino, é possível encontrar trechos que mostram essa posição medieval clássica que admitia a influência dos astros, sem considerá-la determinante ou fatal. Inclusive, em *A divina comédia*, de Dante Alighieri, há referência ao livre-arbítrio numa passagem sobre o purgatório.

Desse modo, à medida que a Idade Média avançava, a astrologia também se expandia. Um fato que colaborava muito com a sua prática e o seu desenvolvimento era a existência de poucos céticos. Segundo Serge Hutin, “no século XIII, corria na escola de Medicina de Bolonha (uma das mais afamadas da Europa) o seguinte adágio: ‘Um doutorado sem astrologia é como um olho que não pode ver.’”<sup>11</sup>

## Renascença

A astrologia viveu um momento de grande prestígio durante o Renascimento. O número de astrólogos não parou de crescer e todas as pessoas, da alta sociedade às grandes massas, acreditavam na predição dos astros.

---

10 Como eram chamados os astrólogos naquela época.

11 HUTIN, Serge. *História da astrologia*. Lisboa: Edições 70, 1989. p. 107.

Em relação aos métodos, parece que pouquíssimos aspectos na corrente árabe-latina eram diferentes daqueles da Idade Medieval. No entanto, surgem pensadores que seguiam as ideias de Ptolomeu, que criticam o pensamento árabe e fazem uma “reforma” na astrologia, seguindo a linha das obras de Kepler.

Uma guinada importante no pensamento renascentista foi a derrubada da teoria geocêntrica por Nicolau Copérnico, mudando a ideia de que não é a Terra o centro do Universo, mas sim o Sol, de maneira que a Terra e outros planetas orbitam em torno dele. Apesar de a astrologia continuar fortemente ligada ao geocentrismo, essa mudança não fez com que a crença nas predições dos astros desaparecesse. Inclusive, o próprio Copérnico acreditava nas influências planetárias. Da mesma forma, Tycho-Brahé — mestre de Kepler — não foi somente um astrônomo de renome, como também um astrólogo convicto na prática da elaboração de horóscopos. Como afirma Martha Pires: “É do ponto de vista da Terra que percebemos os movimentos celestes. É da Terra que fazemos nossas referências e plasmamos infinitudes.”<sup>12</sup>

Na Renascença, poucos pensadores realmente condenavam a astrologia, e quando o faziam, a motivação era científica, e não religiosa.

A rainha Catarina de Médicis, da corte francesa, teve dois astrólogos famosos a seu serviço: Nostradamus e Augier Ferrier. Nostradamus (1503-1566), autor das *Centúrias*, foi médico, astrólogo, adivinho e profeta. Ele ligou a astrologia às práticas mágicas. Na Itália, dentre os pensadores renascentistas praticantes da astrologia, se destacou o filósofo, médico e matemático Jerônimo Cardano (1501-1576) e, na Alemanha, o ilustre Paracelso, que relacionou astrologia e medicina de maneira explícita. Na França, Jean-Baptiste Morin, de Villefranche (1583-1656), autor da obra *Astrologia Gallica*, composta de 26 livros, foi um dos mais importantes compiladores e codificadores da astrologia.

---

12 FERREIRA, Martha Pires. *Metáfora dos astros*. Rio de Janeiro: Vida, 2004. p. 55.

## Séculos XVII, XVIII, XIX e XX

É passível de entendimento que não há um verdadeiro rompimento entre a Renascença e o século XVII. Sendo assim, durante muito tempo as perspectivas astrológicas não se modificaram.

Johannes Kepler (1571-1630) elaborou as três leis que regem as órbitas dos planetas em torno do Sol. Ele fez seu próprio horóscopo, além de fazer predições astrológicas para os nobres.

No começo do século XVII, entre os membros da fraternidade Rosa-cruz, a astrologia era tida em alta conta, e renomados astrólogos fizeram parte dessa sociedade secreta. Para os rosacrucianos, a astrologia era um saber indispensável das ciências herméticas tradicionais.

O mais célebre astrólogo desse século foi Willian Lilly (1601-1682), autor da obra *Astrologia cristã*, com mais de oitocentas páginas.

No meio do século XVII, a astrologia e a astronomia se separam definitivamente e, desde então, quase nenhum astrônomo acreditaria mais na astrologia. Exceção a essa regra foi Flamstead, criador do Observatório de Greenwich. Uma passagem interessante relacionada com essa separação é o comentário de Isaac Newton a Halley, astrônomo e cético que questionava as bases da astrologia:

*Senhor, eu a tenho estudado, o senhor não.*<sup>13</sup>

No entanto, nos meios eclesiásticos, as atitudes eram cada vez mais de desconfiança e condenação em relação à astrologia. Em 1666, Colbert, ministro das finanças de Luís XIV, banuiu a astrologia das disciplinas ministradas nas universidades, sob a justificativa de não estar baseada na metodologia científica. Além disso, o próprio Luís XIV, em 31 de julho de 1682, proscreeu a impressão e a divulgação dos almanaques astrológicos em todo o reino. À medida que o século XVII avançava, o descrédito da astrologia crescia, sendo visível não só no meio acadêmico, como também na arte.

---

13 *The Concise Planetary Ephemeris for 1900 to 1950 A.D.* Medford: The Hieratic Publishing Co., 1979. p. 3.

No século XVIII, o “Século das Luzes”, a atitude geral das pessoas era completamente cética em relação à astrologia. Afinal, no auge do racionalismo, esse saber foi renegado, porque não se podia prová-lo nos termos científicos do momento. Sendo assim, no final do ano letivo de 1770, o último curso acadêmico de astrologia é fechado na Universidade de Salamanca, na Espanha. No entanto, nas sociedades secretas, como a já citada Rosa-cruz, a astrologia ainda era preservada. Não obstante, por mais de um século, o conhecimento astrológico ficou nas mãos de um pequeno grupo de indivíduos na Europa.

Entre os cultos da sociedade do século XIX, o descrédito na astrologia se mantinha, e somente em meados desse século se registrou a chegada de novos ares. E foi sob os pseudônimos bíblicos de Zadkiel e Raphaël que dois ingleses reabilitaram a apreciação sobre a astrologia. Zadkiel (Richard James Morrison) e Raphaël (William C. Wright), dois astrólogos, publicam diversos almanaques astrológicos, marcando o início da chamada “astrologia científica”, que se espalhou pelo mundo anglo-saxônico e pelos Estados ocidentais.

Desse modo, os astrólogos desse século e dos subsequentes deveriam se preocupar com o cientificismo do saber, e também com a renovação das perspectivas tradicionais da astrologia. Muitos deles pertenciam a sociedades secretas, como a Sociedade Teosófica, fundada por Madame Blavatsky,<sup>14</sup> e a Ordem Martinista de “Papus”.<sup>15</sup>

Na *belle époque*, período de profundas transformações culturais do início do século XX, o espetacular renascimento da astrologia não cessou. No começo dessa época, os livros e as revistas sobre o assunto, além das escolas especializadas, eram um tremendo sucesso. Um pouco antes da Segunda Guerra Mundial, Charles Fosse — o Fakir Birman — inventou os horóscopos diários que, hoje em dia, são famosos e indispensáveis nos jornais do mundo inteiro.

---

14 Helena Petrovna Blavatskaya, mais conhecida como Madame Blavatsky, foi uma escritora, filósofa e teóloga russa, nascida no ano de 1831, responsável pela sistematização da moderna teosofia e uma das fundadoras da Sociedade Teosófica.

15 Gérard Anaciet Vincent Encausse, conhecido como Papus, nasceu na Espanha no ano de 1865. Foi médico, escritor, ocultista, membro rosa-cruz, maçom e fundador do martinismo moderno.

Desse modo, a astrologia comercial cresceu não só na imprensa, através dos jornais e das revistas, como chegou também ao rádio e à televisão. Mas o último aperfeiçoamento foi o horóscopo feito no ano de 1968, em Paris, pelo computador IBM 360-30, que calculou os dados astronômicos de uma carta natal e, cruzando-os com textos redigidos *a priori*, traçou um retrato psicológico individualizado.

Foi mergulhado nesse caldo cultural da época que teve início a divisão entre os astrólogos que querem fazer da astrologia uma ciência a todo custo e aqueles que permanecem ligados às tradições. Foi ainda nesse cenário do século XX, época do surgimento de tantos novos saberes, que nasceu a astrologia humanista, tão bem representada, entre outros, por astrólogos como Dane Rudhyar, Stephan Arroyo e Liz Green e, no Brasil, pela alemã Emma Costet de Mascheville. Cabe, nesse momento, transcrever novamente uma das declarações feitas por essa astróloga, ilustrando de maneira magistral a natureza desse novo olhar: “Não é o Saturno do céu que te atormenta e, sim, o que está em ti.”